

CAPÍTULO 1 O LITORAL SUL DO BRASIL

DIFERENCIAÇÕES E SEMELHANÇAS

O LITORAL SUL DO BRASIL pode ser considerado subdivisão de uma grande área que compreende as regiões quase contíguas de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso, onde uma cultura portuguesa-índia-africana-crioula se desenvolveu. Nessa grande área, a agricultura é o interesse principal, ao passo que nas regiões vizinhas – a região montanhosa do sul, o Brasil central e o Nordeste – a criação de gado é a atividade predominante. Existem, naturalmente, numerosas ilhas de cultura dentro do contexto geral: áreas que representam zonas urbanizadas e industrializadas, áreas onde as safras comerciais são produzidas por modernas técnicas de cultivo, áreas colonizadas por imigrantes recentes, distritos mineiros e pequenos enclaves de criação de gado, quase todos resultado de recentes mudanças ecológicas.

O litoral sul está longe de ser uma subárea totalmente homogênea. Existem muitos portos marítimos pequenos e dois centros metropolitanos: Rio de Janeiro e Santos. Em geral, contudo, a área rural do litoral tem uma cultura mais homogênea do que a região montanhosa do interior. O cultivo da mandioca e a pesca são, em todos os lugares, as atividades econômicas básicas. Existe pouco milho, arroz ou feijão, e quase nenhuma criação

de gado. Canoas de um só tronco são bastante usadas para pesca e transporte, uma vez que as técnicas de pesca são, com poucas exceções, bastante rotineiras. A construção das casas e dos abrigos para canoas, em todos os lugares, segue os mesmos padrões.

Tanto a pesca quanto a lavoura de mandioca estão mais intimamente associadas às culturas primitivas dos índios do litoral do que à lavoura do milho dos caboclos das regiões montanhosas. A técnica de preparar comida à base de mandioca, como é praticada pelo caiçara contemporâneo, o pescador mestiço do litoral sul, permanece quase como se fosse a dos tupinambás do século XVI.¹ Uma das poucas contribuições européias para o equipamento técnico dos caiçaras é a roda, que forneceu o princípio básico para o que é um simples engenho de moagem de mandioca.

Um pão indígena, chamado *byyɔ* em tupi e *beiju* em português, é geralmente comido pelos caiçaras. O uso de muitas plantas nativas, que tiveram papel importante nas antigas culturas indígenas, foi descrito em outro trabalho.² Entre essas plantas há as folhas de palmeira, que são usadas para cobrir casas e abrigos de canoas, plantas usadas para veneno de peixe, assim como fibras para a fabricação de redes, inúmeras plantas medicinais, frutas comestíveis e árvores usadas na fabricação de canoas.

Por outro lado, práticas religiosas e mágicas, folclore e danças populares são muito mais européias do que indígenas ou africanas. Os negros são encontrados somente nos antigos portos marítimos e em áreas vizinhas onde engenhos de açúcar foram estabelecidos nos tempos coloniais. Elementos de cultura africana sobreviveram, portanto, somente até um determinado ponto nas cidades costeiras. O fato mais surpreendente sobre os negros do litoral é, talvez, sua preferência pela agricultura em vez da pesca.

¹ Esse processo foi muito bem descrito por Staden, 1941, pp. 167-8.

² Willems, 1952, passim.

A OCUPAÇÃO

O litoral sul foi, algumas vezes, descrito como uma área não desenvolvida ou subdesenvolvida. Entre os brasileiros urbanos, tem a reputação de ser uma região atrasada, pobre e assolada pela malária, que necessita de ajuda pública para se equiparar ao “progresso” das áreas interioranas. Os caboclos do planalto, que tiveram contato esporádico com o litoral, estereotiparam os caiçaras como preguiçosos e bêbados imorais.³ Brasileiros urbanizados, que chegam ao litoral para estabelecer empreendimentos industriais ou agrícolas modernos, tendem a considerar o povo do litoral indolente e não confiável.⁴

A opinião de que o litoral sul é uma área subdesenvolvida provém, provavelmente, de uma observação superficial da paisagem, que parece quase intocada pelas mãos humanas. A ininterrupta cadeia de montanhas íngremes (serra do Mar), coberta por densa floresta, emerge abruptamente de uma planície costeira pantanosa e quente. Exceto por umas poucas e pequenas cidades (e, naturalmente, os grandes portos marítimos e suas vizinhanças), a longa costa parece não ter habitantes, ao mesmo tempo que os mangues ao longo dos rios parecem ser quase inabitados. As estradas são raras e ferrovias na verdade não existem, a não ser num pequeno trecho entre Santos e Peruíbe.

Contudo, atrás das dunas que parecem sem fim e escondidos em uma vegetação mutilada, estão os casebres dos caiçaras, cobertos de folhas de palmeira, e os abrigos para canoas. Geralmente suas casas estão distantes umas das outras, mas em alguns casos uma vara de bambu na praia indica a presença de um porto e de um pequeno povoado por perto.

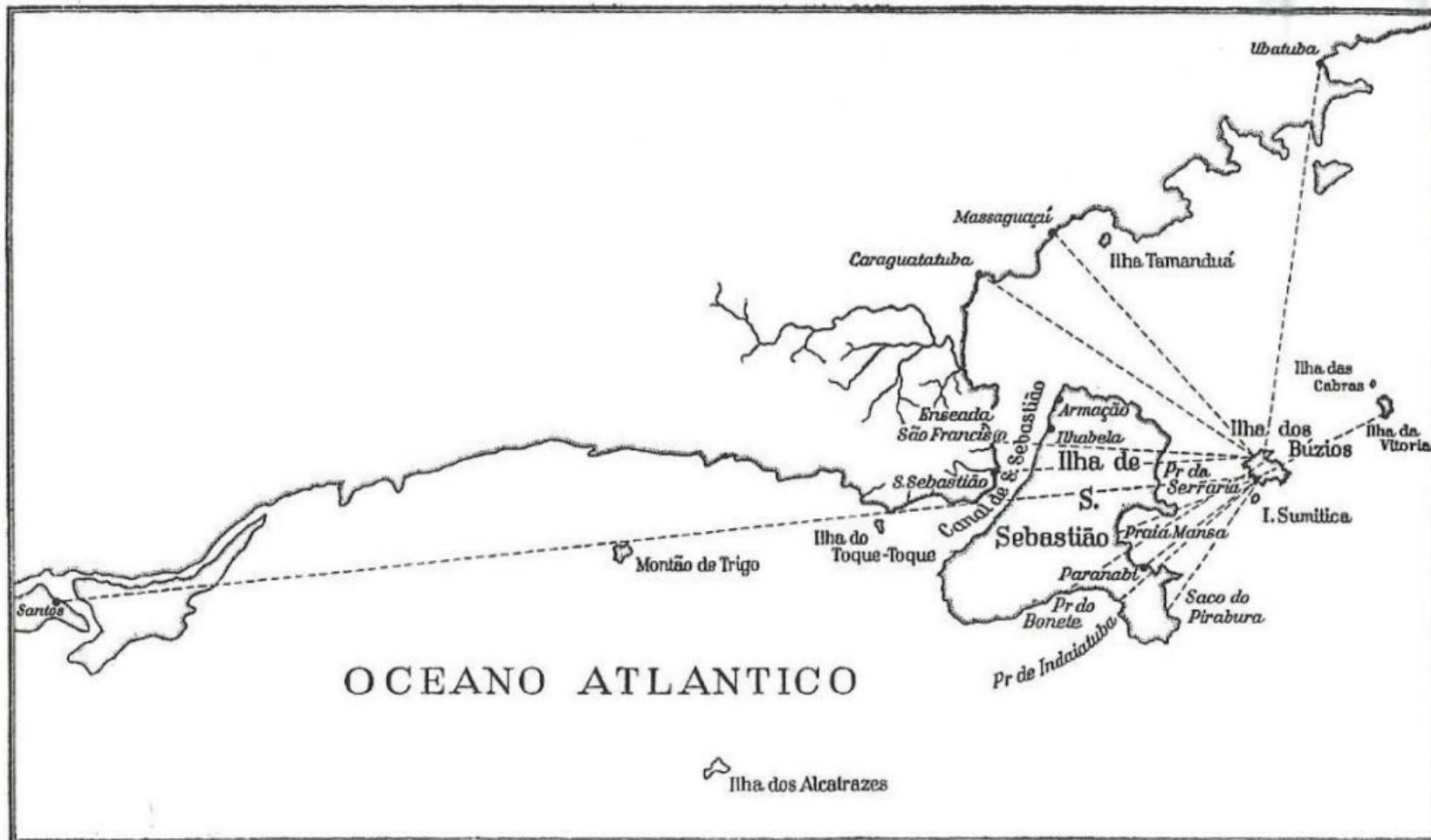
Os antigos portos marítimos como Mambucaba, Parati,

³ Willems, 1948, p. 49.

⁴ Dados obtidos de entrevistas não publicadas.

Ubatuba, São Sebastião, Iguape e Cananéia são relíquias do século XVIII ou início do século XIX. Alguns deles foram declarados “monumentos nacionais” por decreto federal. Igrejas suntuosas e residências contrastam nitidamente com lugares onde quase nunca se vê um navio ou qualquer outro sinal de atividade comercial ou industrial. Uma observação mais acurada mostra que muitas mansões não passam de fachadas, por trás das quais cresceu o mato. Nos arredores de Iguape e São Sebastião, assim como na ilha de São Sebastião, o observador se depara com ruínas imprevisíveis, porém impressionantes, na exuberante vegetação tropical. Essas são reminiscências de fábricas de processamento de arroz (no sul de São Paulo) ou de engenhos de açúcar (no norte de São Paulo), que eram fonte de considerável riqueza durante a primeira metade do século XIX. Em outros casos, como no bairro de São Francisco, perto de São Sebastião, foram descobertas ruínas de fazendas de café. Tanto a tradição oral quanto documentos históricos revelam que muitas das encostas inferiores da serra do Mar foram, em alguma época, cobertas por plantações de café. Agora há somente a floresta tropical, que caracteriza toda a encosta das montanhas costeiras.

Assim, a primeira impressão da região como uma área quase intocada deve ser corrigida. Uma pesquisa na história dessa região, que se estende do 23° ao 25° grau de latitude sul, mostra que todos esses pequenos portos marítimos mantiveram, em algum momento, contatos importantes com o mundo exterior. Durante o século XVIII, localidades como Angra dos Reis, Mambucaba e Parati eram pontos de partida de trens de carga que cruzavam as montanhas para suprir as áreas de mineração do Sul, com sal e bens manufaturados, geralmente vindos de Portugal. Nessa época, as localidades avançadas do planalto estavam situadas na “boca do sertão” como dizem os antigos manuscritos. Contudo, no momento atual, as pessoas do planalto se referem às montanhas costeiras como “sertão”: não se pode imaginar uma reorientação mais drástica.



A ilha de Búzios e suas relações com o continente e demais ilhas.

EFEITOS DA PRODUÇÃO DO CAFÉ SOBRE O COMÉRCIO E A POPULAÇÃO

Durante a primeira metade do século XIX, a agricultura do café no Vale do Paraíba, que se desenvolvia rapidamente, exerceu influência ainda mais vitalizante sobre os pequenos portos marítimos do Rio de Janeiro e do norte de São Paulo. Escravos construíram estradas pavimentadas através da serra do Mar e a exportação do café logo se tornou fonte de riqueza incomum, fato que se reflete, ainda, por exemplo, em tesouro de prata extremamente rico que a principal igreja de Parati possui. Outros impulsos advindos com a expansão da agricultura cafeeira em certas regiões alcançaram outras regiões próximas e até mesmo o litoral.

Em 1836, havia 334 fazendas de café em Ubatuba. Trinta e duas fazendas de café, sete engenhos de açúcar e quinze destilarias de pinga situavam-se em Ilhabela, que incluía a ilha de São Sebastião, Búzios e Vitória. Dentro do território do município de São Sebastião, que fica ao sul de Ubatuba e em frente à ilha de São Sebastião, o número de engenhos de açúcar chegava a dez. Havia também nesse município cinco destilarias de pinga e quatro fazendas de café, com fábricas de processamento de café.

Nessa época o cultivo do arroz prevalecia no litoral sul de São Paulo, especialmente no município de Iguape. Aqui a serra do Mar afasta-se e uma larga planície costeira, abundantemente irrigada pelo sistema fluvial do rio Ribeira, oferece uma oportunidade única para o plantio do arroz. E aqui, em 1836, havia 82 fábricas de beneficiamento de arroz. Suas ruínas podem agora ser encontradas em ambas as margens do baixo Ribeira.⁶

Durante a segunda metade do século XIX, a organização ecológica existente passou por uma série de mudanças que afeta-

⁶ Para informações estatísticas relativas às primeiras décadas do século XIX, 1941, p. 42.

ram seriamente o litoral sul. A construção da estrada de ferro Central do Brasil, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, favoreceu o transporte de mercadorias para os grandes portos marítimos de Santos e do Rio. Outra estrada de ferro foi construída de São Paulo até Santos e, ao mesmo tempo, o aumento de tamanho dos navios operou as mudanças necessárias para que Santos e Rio de Janeiro se transformassem em modernos portos marítimos. Assim, uma concentração de meios de transporte e de população ocorreu somente em dois pontos do litoral. Outros portos marítimos rapidamente se tornaram obsoletos, as estradas asfaltadas da serra não mais eram conservadas em boas condições, e as plantações de café e de açúcar no litoral, atacadas por pragas, foram abandonadas.

A produção de café ao longo do litoral sul decaiu rapidamente a partir de 1854, como mostram as Tabelas 1 e 2.

TABELA 1. PRODUÇÃO DE CAFÉ POR ARROBAS⁷
(1 arroba = 15 quilos)

Município	1836	1854	1886	1920	1935
Ubatuba	31.000	99.500	5.000	153	2.132
Ilhabela	10.289	112.500	4.000	3.020	10.338
São Sebastião	42.845	86.000	600	-	1.213

Infelizmente não temos nenhum dado sobre a atual produção de café.

O despovoamento foi outra consequência dessa abrangente mudança ecológica na qual Ubatuba e Ilhabela perderam uma parte considerável de sua população.⁸

Tabela 2. MUDANÇA DE POPULAÇÃO 1836-1940

Município	1836	1854	1886	1920	1935	1940
Ilhabela	4.235	10.769	6.833	8.052	6.215	5.568
Ubatuba	6.032	-	7.803	10.179	7.593	7.255

⁷ Milliet, 1941, p. 42.

⁸ Ibidem.

A redução na população foi devida, notadamente, às migrações voluntárias que, pode-se dizer, formaram um modelo de cultura para essa parte do litoral.

ASSOCIAÇÕES DE PESCADORES E AJUDA DO GOVERNO

Ao final do século XIX, as atividades econômicas da população litorânea tinham diminuído quase até o nível de subsistência, com exceção das vizinhanças das antigas cidades onde o comércio de peixe e de produtos agrícolas se mantinha em pequena escala.

Esta situação geral permaneceu inalterada até por volta de 1930. Desde então, algumas poucas mudanças ocorreram. Três rodovias foram construídas para ligar o planalto a Ubatuba, São Sebastião e o litoral sul de São Paulo. Uma tentativa foi feita para transformar São Sebastião em um porto marítimo moderno, porém pequeno. Pessoas que ganhavam a vida com a pesca foram integradas em colônias de pescadores, sob supervisão do governo federal. Alguma assistência econômica, técnica e sanitária era oferecida por essas associações.

A fim de nivelar as flutuações sazonais dos preços dos produtos pesqueiros, frigoríficos foram construídos, um em Ubatuba e outro em Cananéia, ambos sob controle do governo. Ao mesmo tempo, a utilização de barcos a motor aumentou e, em algumas localidades ao longo da costa, pescadores japoneses introduziram novos dispositivos para a pesca. Técnicas para preparar peixe seco e frigoríficos para armazenar este produto foram também instalados por japoneses, produzindo assim novas fontes de renda para os caiçaras que ainda estavam arraigados às suas tradicionais técnicas de pesca.⁹ Como uma consequência dessas mudanças, os preços de produtos pesqueiros elevaram-se consideravelmente, e um grande excedente monetário foi pos-

⁹ Sobre a influência japonesa, ver Mussolini, 1946.

sível para todos. Assim, duas vezes dentro de poucas gerações, o sistema econômico saiu de um nível puramente de subsistência. Além do mais, artigos que antes faltavam nos lares caiçaras ou tinham de ser produzidos pelos próprios caiçaras podiam agora ser comprados.

INSTABILIDADE ECONÔMICA E PERSONALIDADE

Instabilidade econômica e mudanças de condições, raras nas isoladas comunidades do interior caboclo, afetaram notadamente a personalidade dos caiçaras. Inter-relacionados com uma cultura que em muitos exemplos é distintamente indígena e que não possui a maioria dos aspectos que são característicos da civilização urbana, foram encontrados traços psicológicos totalmente inesperados e bastante discordantes. Estes podem ser resumidos da seguinte maneira:

1. Um alerta geral em relação a novas oportunidades econômicas que são prontamente adotadas ou rejeitadas, dependendo dos níveis dos preços.
2. Mobilidade espacial considerável que é manifestada nas frequentes migrações dos indivíduos para Santos e em expedições comerciais para localidades bastante distantes no litoral.

CAPÍTULO 2 O ASSENTAMENTO FÍSICO

AILHA DE BÚZIOS, situada a 23° 48' 20" de latitude sul e 0° 58" de longitude oeste do Rio de Janeiro, é parte integrante de uma sub-região litorânea bem definida. Esta sub-região estende-se das proximidades de Santos até a fronteira do Rio de Janeiro e é caracterizada por clima e vegetação bastante uniformes. Uma estreita planície costeira, praias pequenas e curvas, freqüentemente interrompidas por cadeias de montanhas íngremes, que caem abruptamente para o mar, diferenciam o litoral norte da costa plana e arenosa do sul de São Paulo.

Como muitas outras ilhas nesta sub-região, Búzios pode ser considerada um posto avançado da cadeia de montanhas do litoral, bastante ramificada e parcialmente submersa. Ela pertence à mesma base geológica que está por baixo da ilha de São Sebastião, a maior ilha dessa área. A distância entre os pontos mais próximos das duas ilhas é de cerca de 4,7 milhas. Como uma extensão geológica de São Sebastião, a ilha de Búzios compartilha de seus traços altamente montanhosos. Na verdade, ela consiste de uma única cadeia de montanhas, em um eixo leste-oeste. O pico mais alto eleva-se a mais ou menos 1.200 pés. Um olhar superficial nas curvas de nível do mapa indica que apenas na parte oriental as íngremes elevações das encostas apresentam-se um pouco mais graduais. A superfície total de Búzios mede 7,5 km² (cerca de 4,7 milhas quadradas). Porém, sob condições

técnicas locais, somente uma parte relativamente pequena da terra é cultivável. A ilha pode ser circunavegada em uma hora e trinta e oito minutos, de canoa.

Os ilhéus, como a maioria dos caiçaras e caboclos do sul do Brasil, não cultivam as encostas das montanhas que dão para o sul (face “noruega”). Elas são consideradas frias e, portanto, impróprias para fins agrícolas. Em Búzios, a encosta sul é coberta por mata e totalmente desabitada. Na encosta norte, porém, o terreno foi cultivado há muito tempo e em muitos lugares as rochas estão expostas por causa da erosão. Córregos que drenam as encostas íngremes cortam desfiladeiros profundos e rochosos que se tornam mais largos nas partes mais baixas e impedem a comunicação entre os sítios isolados.

Não há nenhuma praia de areia na ilha de Búzios. Em todos os lados a costa consiste de rochas, algumas das quais são como enormes muralhas de pedra e, em muitos lugares, os penhascos maciços foram quebrados pela ação erosiva do mar.

Há somente uma baía na ilha onde os rochedos costeiros não são tão abruptos e perigosos e onde as canoas estão, até certo ponto, protegidas do mar bravo. É o saco da Guamixama, e a ocupação que aí se processou tornou-se o “centro” de Búzios. Aqui, o pedaço estreito da costa é quase uma planície, e um riacho deságua no mar.

O clima é tropical nas terras baixas costeiras, pelo menos entre o Distrito Federal [N.T.: atual Rio de Janeiro] e Santos, mudando gradualmente em direção ao sul para um clima subtropical úmido. Mesmo assim, a umidade relativa do ar é sempre extremamente alta, com média de 80 a 85%. Isto significa que, durante quase metade do dia, a umidade relativa está próxima dos 95%. Do ponto de vista agrícola, isto significa uma proliferação de pragas. A precipitação anual quase sempre excede 2.000 mm e em alguns anos atinge 3.000 mm. Apenas no litoral sul chuvas abaixo de 2.000 mm anuais e acima de 1.500 mm são normais. Esta é uma distribuição muito mais vantajosa do que a que acontece no

planalto. A precipitação média nos meses menos úmidos atinge 100 mm, e nenhum lugar tem menos que 60 mm de chuva durante os meses mais frios (julho-agosto). Apesar de tanta precipitação, o número de dias claros com forte luz solar é bastante alto. Os invernos são amenos e temperaturas médias diárias abaixo de 15°C são raras. O calor do verão é aliviado pelas brisas marítimas. Ventos fracos são constantes e tempestades são raras.

Clima assim condiciona uma vegetação realmente luxuriante. O solo desempenha papel secundário onde não há pântanos ou praias de areia.¹

Entretanto, apesar das médias bastante altas, mudanças repentinas de temperatura são freqüentes durante os meses de inverno. As noites podem tornar-se frias e uma proteção satisfatória contra o frio, nas casas sem aquecimento, construídas de maneira despreocupada, exige muitos cobertores de lã, do tipo mais grosso, o que nenhum ilhéu possui. Como regra, o mar é calmo no verão e freqüentemente bravo no inverno e, como se verá, este fato tem muita importância na economia de Búzios.

A vegetação em Búzios é predominantemente tropical. Mandioca, batata-doce, cana-de-açúcar, café, coqueiros, bananas, árvores cítricas, vários tipos de feijão e outros legumes são plantados pelos ilhéus. Variedades incontáveis de peixe são pescadas próximo à ilha, assim como ao longo do litoral norte de São Paulo. A maioria é *Mugilidae* e, desta família, especialmente o *Mugil platanus* (tainha) e o *Mugil brasiliensis* (parati). *Clupeidae* (sardinha), *Siluridae* (bagre) e *Gadidae* (pescada) são também pescados com freqüência.

¹ Setzer, 1949, p. 172.

CAPÍTULO 3 A HISTÓRIA

BÚZIOS não tem uma “existência histórica e não aparece em nenhuma narração de acontecimento no qual grande parte do litoral em frente teve um papel preponderante. E isto é compreensível uma vez que a ilha de Búzios é somente uma pequena parte de uma grande unidade administrativa – Ilhabela” (Euclides da Cunha).¹

Euclides da Cunha acreditava que o solo de Búzios havia sido cultivado há duzentos anos² mas ele não indicou em que se baseou para fazer tal afirmação; e mesmo hoje não podemos dizer positivamente se Búzios teve colonos permanentes antes de as fazendas de café alcançarem o litoral ou se era explorada por colonos de São Sebastião.

Quando Euclides da Cunha visitou a ilha de Búzios em 1902, havia 358 habitantes ou 52 famílias morando em 52 casas, dezoito das quais cobertas por telhas, rebocadas e caiadas.³

LIDERANÇA

Essa comunidade de ilhéus vivia “sob o patriarcado” de um octogenário que, em virtude de sua grande influência moral,

¹ Cunha, 1944, p. 687.

² Ibidem, p. 695.

³ Ibidem.

monopolizou todos os atos concernentes à organização da família, à manutenção da ordem e às atividades agrícola e pesqueira.⁴ Embora todas as tentativas de elucidar certos aspectos desta “regra patriarcal” por meio de entrevistas com os ilhéus se mostrassem infrutíferas, fomos capazes de obter confirmação da afirmativa de Cunha por intermédio de um inspetor escolar que visitou Búzios alguns anos mais tarde e encontrou esse velho ainda exercendo um poder incomum.

MUDANÇAS NA ATIVIDADE ECONÔMICA

Manuel Gomes, um buziano de mais de setenta anos, relatou-nos que seu avô tinha vindo de Tamanduá, localidade situada perto de Guaratinguetá (Vale do Paraíba), na época em que o preço de uma arroba de café verde chegava a Cr\$1,60 (um cruzeiro e 60 centavos). Manuel mostrou-nos as ruínas de uma casa de pedra, a única que foi levantada em Búzios. Foi construída por seu avô e simbolizava, de certa maneira, esse antigo e próspero período do plantio de café.

“Naquela época”, acrescentou Manuel, “as pessoas não plantavam *rama* (mandioca), mas só café; toda *rama* era trazida da ilha de São Sebastião”. Isto significa que, durante o período do cultivo do café, os ilhéus dependiam de áreas vizinhas para sua alimentação básica. Como sua renda era relativamente elevada, eles podiam comprar o que precisavam.

O desaparecimento da outrora próspera cultura do café (Euclides da Cunha se refere a uma praga – *sapote* ou *saporem* – que matou cerca de 10.000 cafeeiros e deixou só uns 100 ainda produzindo na época de sua visita)⁵ parece ter contribuído para uma mudança da agricultura para a pesca, que Cunha descreveu como a atividade predominante. Nessa época, São Sebastião era o mais importante mercado de peixe salgado, principal

⁴ Ibidem, p. 697.

⁵ Ibidem, p. 695.

fonte da pequena renda dos buzianos. Mas havia, além disso, os famosos feijões-pretos que, pelo menos na ilha de Búzios, não são jamais atacados pelo caruncho, um pequeno inseto que geralmente come os feijões depois de guardados por alguns meses. Há cinquenta anos, os feijões-pretos de Búzios tinham sólida reputação, mesmo no mercado de Santos, segundo Euclides da Cunha. As pessoas do litoral norte acreditavam que os plantadores de feijão de Búzios conseguiam vender qualquer quantidade desse produto a bom preço. E a produção parece que foi considerável, em determinadas épocas, como lembram algumas pessoas idosas do litoral em frente.

COMÉRCIO ESCRAVO E PIRATARIA

Búzios obviamente desempenhou papel de projeção na história da escravidão. A partir de 1845 (quando a Lei de Aberdeen foi promulgada), a introdução de escravos africanos foi proibida. Navios de guerra ingleses patrulhavam o litoral do Brasil e procuravam capturar todas as embarcações usadas no tráfico de escravos. No entanto, o contrabando de escravos era negócio lucrativo, embora arriscado, que florescia na costa brasileira. As ilhas mais afastadas e montanhosas eram extensivamente usadas como lugares de vigia, de onde os navios de guerra e os de escravos podiam ser facilmente observados.

Do topo dos picos mais altos as pessoas comunicavam-se com os comerciantes de escravos, por meio de fogo e de sinais com bandeiras.

Grandes canoas de voça, procedentes de Búzios e das ilhas vizinhas, corriam para os contrabandistas, pegavam os escravos e os levavam para lugares seguros no litoral. Existe uma pedra alta, em Búzios, que ainda conserva o nome de "Pedra da Vigia".

Ouvimos de Manuel Gomes a história de um pirata que parou em frente ao "porto" de Pitangueiras. Um grupo de homens desembarcou e encontrou alguns ilhéus que não tinham fugido para

as montanhas. Os piratas mataram todos os animais domésticos que puderam e os levaram para seu navio. “Naquela época, disse Manuel, havia muitas cabras, porcos e aves na ilha”. Nenhum mal foi causado às mulheres. Manuel contou-nos esta história “como foi contada pelo [seu] pai”, que presenciou toda a cena.

Histórias que dizem respeito a contrabando de escravos e piratas são contadas com visível prazer pelos ilhéus. Junto com lembranças da época dourada da agricultura cafeeira, elas constituem os principais pontos de interesse da história não escrita da ilha de Búzios.

EXPEDIÇÕES COMERCIAIS MARÍTIMAS

A fama dos feijões-pretos de Búzios espalhou-se por meio das expedições comerciais dos caiçaras do litoral norte de São Paulo. Os habitantes de Búzios obviamente desempenharam papel importante nessas atividades, nas quais grandes canoas de voça eram usadas. John Mawe, comerciante inglês que visitou a cidade de São Sebastião no início do século XIX, ficou impressionado com as “dimensões quase inacreditáveis” dessas canoas de voça.⁶ Algumas delas podiam carregar cerca de 1.760 galões de cachaça, além de seis ou oito passageiros e uma tripulação de cinco remadores.⁷

EMIGRAÇÃO PARA A ILHA VITÓRIA

Outro detalhe no relatório de Cunha explica o relacionamento entre os buzianos e os habitantes da vizinha ilha Vitória. Essa ilha, que está a cerca de sete milhas a nordeste de Búzios e é consideravelmente menor, foi alugada por alguns buzianos de Vila Bela, a cinqüenta cruzeiros por ano. Trinta e cinco pessoas mudaram-se para Vitória, onde viviam em nove casas e se dedi-

⁶ Mawe, 1812, p. 99.

⁷ Schmidt, 1944, p. 188.

cavam exatamente às atividades que praticavam em Búzios. Isso provavelmente aconteceu alguns anos antes de Euclides da Cunha escrever seu relatório. Hoje, as relações com as pessoas de Vitória ainda são estreitas. São freqüentes as visitas e os casamentos entre elas, e os buzianos referem-se aos habitantes de Vitória como familiares e vizinhos.